

RESENHA ECONÔMICA

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

7

7ª Edição

**Brasil e mundo em movimento:
tendências econômicas para orientar
decisões estratégicas**

1º DE JULHO DE 2026



Essa **Resenha Econômica** contém uma seleção de indicadores e análises sobre a economia brasileira e internacional. O material reúne dados e perspectivas extraídos de diversas fontes amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas (Veja e Exame) e veículos de imprensa (Estadão, Folha, Valor, O Globo, entre outros). O objetivo desta resenha é oferecer um panorama atualizado sobre os principais temas econômicos, auxiliando na compreensão das tendências e impactos no mercado. Vale destacar que as informações aqui apresentadas não constituem uma opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**, mas sim um compilado de diferentes visões do mercado. Cabe ressaltar que este material se restringe exclusivamente à análise de cenários econômicos, sem questões de natureza política.

Boletim FOCUS semanal



Boletim FOCUS de 26-junho-26 - publicado em 29-junho-26

ANO	PROJEÇÕES		VAR%
	SEMANA ANTES	SEMANA ATUAL	

INFLAÇÃO META BACEN

TOLERANCIA	
ABAIXO	ACIMA
-1,50%	1,50%

IPCA - INFLAÇÃO

2026	5,33%	5,33%	0,00%	
2027	4,15%	4,17%	0,02%	
2028	3,70%	3,70%	0,00%	
2029	3,50%	3,50%	0,00%	

3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,98%	1,99%	0,01%	
2027	1,70%	1,68%	-0,02%	
2028	2,00%	2,00%	0,00%	
2029	2,00%	2,00%	0,00%	



Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

SELIC no final do ano

2026	14,00%	14,00%	0,00%	
2027	12,00%	12,00%	0,00%	
2028	10,25%	10,50%	0,25%	
2029	10,00%	10,00%	0,00%	

DATAS DAS REUNIÕES DO COPOM-BRA E FOMC-EUA EM 2026



BRASIL

COPOM

1	276^a	27 e 28 de janeiro
2	277^a	17 e 18 de março
3	278^a	28 e 29 de abril
4	279^a	16 e 17 de junho
5	280^a	4 e 5 de agosto
6	281^a	15 e 16 de setembro
7	282^a	3 e 4 de novembro
8	283^a	8 e 9 de dezembro

ESTADOS UNIDOS

FOMC

1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

NESSAS DATAS SERÃO DECIDIDAS AS TAXAS DE JUROS

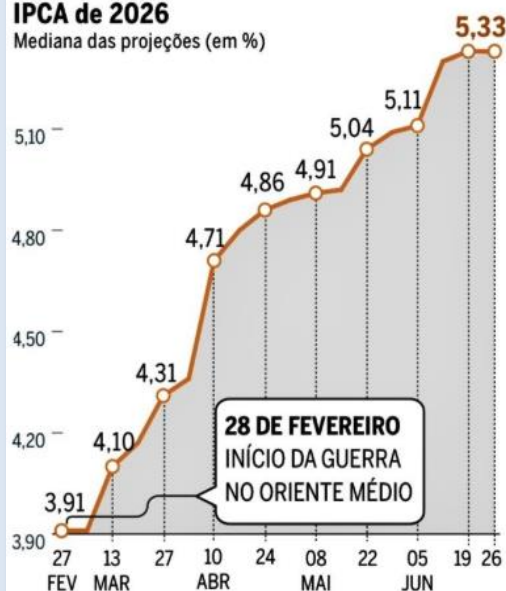
Mercado freia projeções de alta da inflação e dos juros

Estimativa para o IPCA no Boletim Focus fica em 5,33% e a da Selic, em 14%

A variação das expectativas

IPCA de 2026

Mediana das projeções (em %)



FONTE: BOLETIM FOCUS / BC

Jornal GLOBO 30-jun

Taxa básica de juros

Selic no fim de 2026 (em % ao ano)



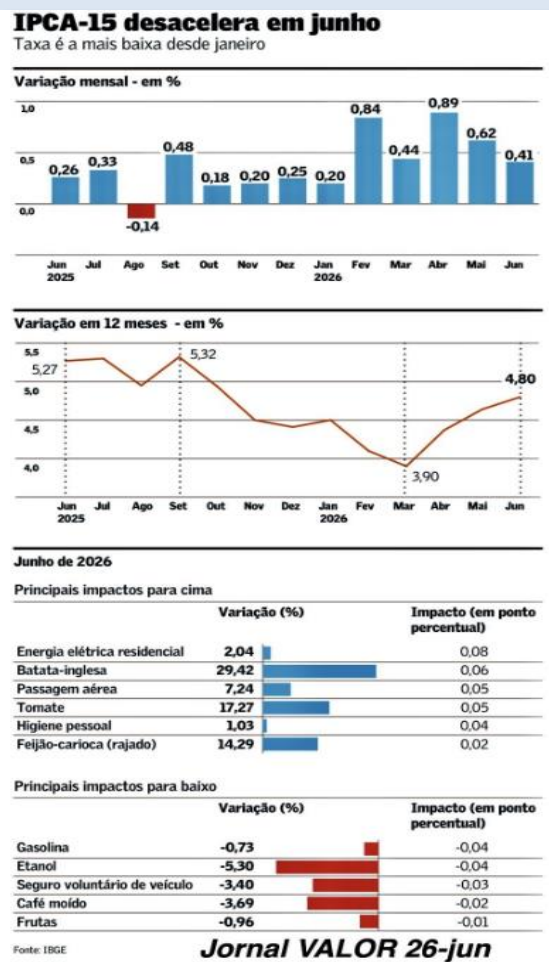
MAYRA CASTRO

mayra.castro@oglobo.com.br

A pós uma sequência de 15 semanas de alta, o mercado financeiro freou as projeções para a inflação. Segundo o Boletim Focus, divulgado ontem pelo Banco Central (BC), a estimativa para o IPCA de 2026 permaneceu em 5,33%, ainda bem acima do centro da meta de inflação de 3% e do teto de 4,5%. A previsão para a taxa básica de juros também ficou estável em relação à pesquisa anterior, em 14% no final do ano, encerrando uma sequência de três elevações seguidas.

Conjuntura Prévia da inflação desacelera em relação a maio, mas projeção segue acima da meta do BC

IPCA-15 é o mais alto para junho desde 2022



**Lucianne Carneiro e
Marta Watanabe**
Do Rio e de São Paulo

A prévia da inflação oficial mostrou pressão de preços menor que a esperada em junho, com desaceleração ante o mês anterior em seis de nove grupos de despesas. Mesmo assim as projeções para a inflação de 2026 continuam bem acima da meta perseguida pelo Banco Central. Preços importantes, como de alimentos, apesar de descompressão em junho, ainda continuam altos e podem sofrer influência do fenômeno El Niño no decorrer do segundo semestre, ainda que se espere um efeito favorável da redução das cotações do petróleo com o desfecho da guerra no Oriente Médio. O quadro, segundo economistas, ainda exige cautela do Banco Central na condução da política monetária.

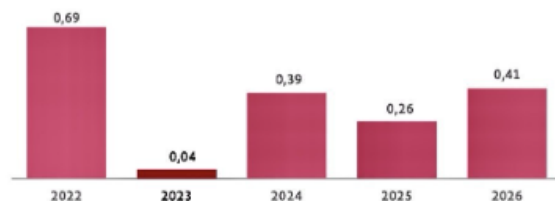
Variação mensal do IPCA-15

Em %



Variação do IPCA-15 em meses de junho

Em %



Variação acumulada pelo IPCA-15 em 12 meses

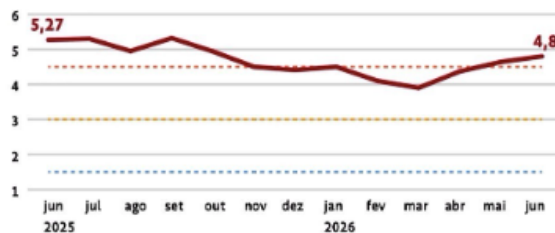
Em %

■ IPCA-15

■ Teto da meta de inflação do IPCA

■ Centro da meta

■ Piso da meta



Fonte: IBGE

Jornal FOLHA 26-jun

IPCA-15 desacelera em junho; preço do tomate, da batata e da cenoura dobra no semestre

Índice avança 0,41% no mês e fica abaixo das estimativas; alimentos sobem menos, mas grupo se mantém como principal pressão na inflação

Leonardo Viceli

RIO DE JANEIRO A inflação medida pelo IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15) desacelerou a 0,41% em junho, após marcar 0,62% em maio, apontam dados divulgados nesta quinta-feira (25) pelo IBGE.

O novo resultado ficou abaixo da mediana das projeções do mercado financeiro, que era de 0,44%, conforme a agência Bloomberg. O intervalo das estimativas ia de 0,35% a 0,52%. Apesar do alívio, a taxa de 0,41% é a maior para meses de junho em quatro anos, desde 2022 (0,69%), no governo de Jair Bolsonaro (PL).

O grupo alimentação e bebidas subiu menos neste mês, mas seguiu como principal fonte de pressão sobre o IPCA-15. A carestia da energia elétrica também impactou o índice.

No acumulado de 12 meses, o IPCA-15 acelerou a 4,8% até junho, após marcar 4,64% até maio. Com isso, afastou-se do teto de 4,5% da meta de inflação perseguida pelo BC (Banco Central) para o IPCA. Analistas do mercado financeiro esperam IPCA acima de 5% no acumulado de 2026.

O GLOBO | Sexta-feira 26.6.2026

IPCA-15 recua a 0,41%, mas é o maior para junho desde 2022

Resultado foi pressionado por alimentos e energia elétrica. Analistas esperavam alta de 0,44%. No ano, índice atinge 4,8%, mais longe do teto da meta de inflação

MAYRA CASTRO
mayra.castro@oglobo.com.br

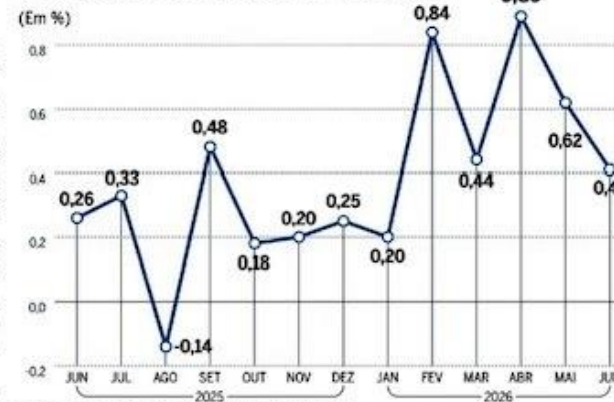
A prévia da inflação, medida pelo IPCA-15, desacelerou para 0,41% em junho, após registrar 0,62% em maio, informou o IBGE, com a pressão de alimentos e energia elétrica. O resultado ficou abaixo das projeções de analistas de mercado, de alta de 0,44% —mas foi o maior para um mês de junho desde 2022, quando registrou 0,69%.

No acumulado em 12 meses, o índice chegou a 4,80%, afastando-se mais ainda do teto da meta, de 3%, com margem de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Em maio, havia ficado em 4,64%.

Ou seja, mesmo com a desaceleração na variação mensal, o cenário não é favorável para a inflação. Na segunda-feira, o Relatório Focus, divulgado pelo Banco Central, elevou pela 15ª vez seguida a projeção para o IPCA no fim do ano, para 5,33%.

Na semana passada, o BC reduziu a Taxa Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,50% para 14,25% ao ano. E, se há um mês analistas ouvidos no Focus projetavam a Selic a 13,25% no fim de 2026, agora a estimativa está em 14%, ou seja, espera-se só mais um corte.

O indicador nos últimos 12 meses



FONTE: IBGE - ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO 15 (IPCA-15)

INFLAÇÃO NOS EUA



Custo de vida Efeitos da guerra

Inflação anual vai a 4,1% nos EUA em maio, maior nível em três anos

Gasolina foi a principal responsável pela alta; elevação de custos representa problemas políticos para Trump

.....

WASHINGTON

.....

Em maio, o indicador de inflação preferido do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) atingiu o maior valor em três anos, com o pico dos preços da gasolina, um sinal de que o aumento dos custos pode representar problemas po-

líticos para o presidente Donald Trump, à medida que as eleições de meio de mandato se aproximam.

Os preços ao consumidor subiram 4,1%, em comparação com o mesmo mês do ano anterior, informou ontem o Departamento de Comércio. Em termos mensais, a inflação foi de 0,4% no mês passado, igualando o aumento de abril e abaixo dos 0,7% de março.

O aumento foi impulsionado principalmente pelo encarecimento da gasolina, bem como pelo aumento dos preços de semicondutores e outros equipamentos de informática,

que estão em alta demanda para o desenvolvimento da inteligência artificial. A alta dos preços levou o Fed, responsável pelo combate à inflação, a manter sua taxa básica de juros inalterada neste ano (de 3,50% a 3,75% ao ano). Alguns economistas preveem que o banco central poderá aumentar as taxas de juros ainda este ano.

.....

Longe da meta

2% é a meta de inflação perseguida pelo Fed, o banco central americano

0,4% foi a inflação de maio nos Estados Unidos, repetindo o índice de abril

3,50% a 3,75% é a taxa básica de juros nos EUA

Jornal ESTADÃO 26-jun

COMENTÁRIOS SOBRE O IPCA-15 E A INFLAÇÃO NOS EUA



IPCA-15: inflação continua resistente

Embora o **IPCA-15 de junho tenha desacelerado de 0,62% para 0,41%**, o resultado continua preocupando. Trata-se do **maior índice para um mês de junho desde 2022**, mostrando que a inflação permanece acima do nível desejado.

Nos últimos 12 meses, o IPCA-15 atingiu **4,8%**, permanecendo acima do teto da meta perseguida pelo Banco Central. Os principais responsáveis pela pressão inflacionária continuam sendo **energia elétrica e alimentos**, itens que afetam diretamente o orçamento das famílias.

Em outras palavras, houve uma melhora no ritmo da inflação, mas ainda não existe evidência suficiente de que ela esteja definitivamente controlada.

Impactos para a economia brasileira

- reduz o poder de compra das famílias;
- aumenta os custos das empresas;
- dificulta novos investimentos;
- exige cautela do Banco Central na condução da política monetária.

COMENTÁRIOS SOBRE O IPCA-15 E A INFLAÇÃO NOS EUA



Impacto para a taxa Selic

O mercado continua acreditando que o Banco Central poderá iniciar um ciclo de redução dos juros ainda este ano, porém de forma bastante gradual. Enquanto a inflação permanecer acima da meta, a tendência é de uma **Selic elevada por mais tempo**, evitando um corte prematuro que possa reacender as pressões inflacionárias.

Inflação nos Estados Unidos

Nos Estados Unidos, a inflação também continua acima da meta de **2%** estabelecida pelo Federal Reserve.

Apesar de apresentar desaceleração em relação aos picos observados anteriormente, os preços ainda sofrem pressão principalmente dos **serviços**, do mercado de trabalho aquecido e dos investimentos em inteligência artificial, que vêm mantendo elevada a demanda por equipamentos, energia e infraestrutura.

Esse cenário faz com que o Federal Reserve mantenha uma postura cautelosa em relação aos cortes de juros.

COMENTÁRIOS SOBRE O IPCA-15 E A INFLAÇÃO NOS EUA



Brasil e EUA: inflação ainda exige cautela dos Bancos Centrais

Brasil e Estados Unidos vivem um momento semelhante: **a inflação perdeu força, mas ainda não retornou ao nível considerado confortável pelos respectivos Bancos Centrais.**

Enquanto isso ocorrer:

- os cortes de juros deverão ocorrer lentamente;
- as autoridades monetárias continuarão priorizando o controle da inflação;
- o custo do crédito tende a permanecer relativamente elevado.

Além disso, os juros americanos influenciam diretamente o Brasil. Caso o Federal Reserve demore mais para reduzir suas taxas, o Banco Central brasileiro também tende a agir com maior prudência, evitando uma saída de capitais e pressões adicionais sobre o câmbio e a inflação.

Em síntese: a combinação de inflação ainda resistente no Brasil e nos Estados Unidos indica que o cenário mais provável é de **redução gradual das taxas de juros**, sem espaço para cortes agressivos no curto prazo. Para empresas, investidores e consumidores, isso significa que o ambiente financeiro continuará exigindo planejamento, disciplina e decisões de investimento cada vez mais criteriosas.

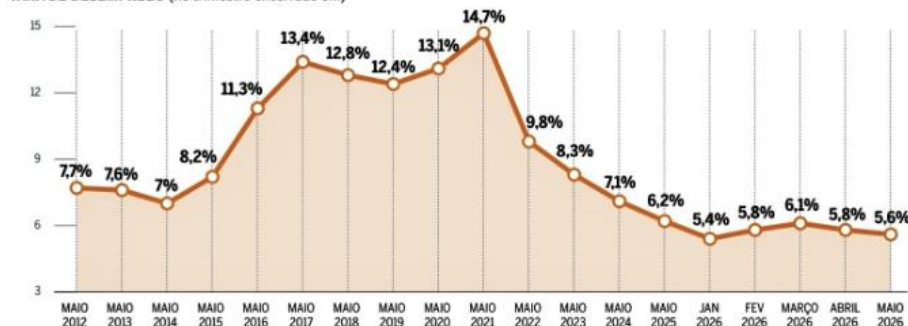
MERCADO AQUECIDO

DESEMPREGO CAI PARA 5,6%

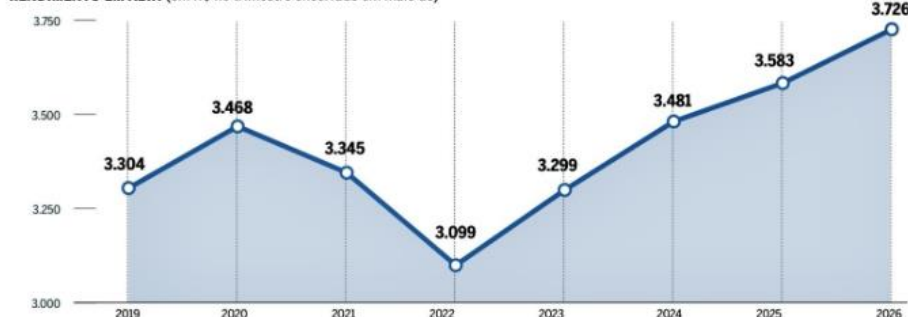
É a menor taxa para maio. Especialistas veem aperto na oferta de profissionais

Veja o comportamento do mercado

TAXA DE DESEMPREGO (no trimestre encerrado em)



RENDIMENTO EM ALTA (em R\$ no trimestre encerrado em maio de)



FONTE: PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMÍCIOS (PNAD) CONTÍNUA DO IBGE

Jornal GLOBO 27-jun



São **102,703 milhões** de ocupados



São **38,296 milhões** de informais, **37,2%** do total de ocupados



A massa de rendimentos (a soma de todos os salários) foi de **R\$ 377,7 bilhões** em maio, **4,8%** maior que no mesmo período do ano passado

MAYRA CASTRO E CAROLINA NALIN
economia@oglobo.com.br

A taxa de desemprego no Brasil segue no menor patamar histórico. O índice fechou o trimestre até maio em 5,6%, queda em relação aos 5,8% do trimestre encerrado em fevereiro e o menor já registrado para um mês de maio desde o início da série histórica, em 2012. O resultado veio dentro do esperado pelo mercado financeiro. No mesmo período do ano passado, a taxa de desocupação ficou em 6,2%.

Além disso, a chamada taxa de subutilização da força de trabalho — que reúne pessoas que gostariam de trabalhar mais horas, desempregados, e as que estão disponíveis para trabalhar, mas desistiram de procurar vaga ou ainda não conseguiram buscar emprego — caiu para 13,3%, o menor nível de toda a série histórica iniciada em 2012.

Trabalho Pesquisa IBGE

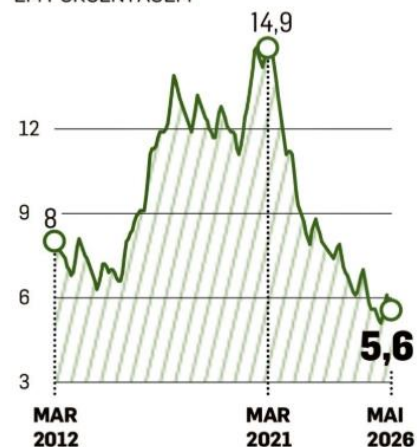
Desemprego de 5,6% em maio é o mais baixo para o mês em 14 anos

— *Jornal ESTADÃO 27-jun*

DESEMPREGO NO BRASIL

Taxa de desocupação,
segundo os dados da
Pnad Contínua

POR TRIMESTRE MÓVEL*
EM PORCENTAGEM



*EM RELAÇÃO AOS TRÊS MESES IMEDIATAMENTE ANTERIORES

FONTE: IBGE / INFOGRÁFICO: ESTADÃO

Em igual período de 2025, taxa medida pela Pnad Contínua estava em 6,2%; analistas veem primeiros sinais de estabilidade do mercado

.....

RIO
SÃO PAULO
.....

O desemprego no Brasil ficou em 5,6% no trimestre encerrado em maio, de acordo com os dados mensais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado – em linha com as estimativas da pesquisa Projeções Broadcast – é o menor para o mês de maio desde o início da série histórica da Pnad Contínua, em 2012, e diante do resultado analistas veem primeiros sinais de arrefecimento do mercado de trabalho.

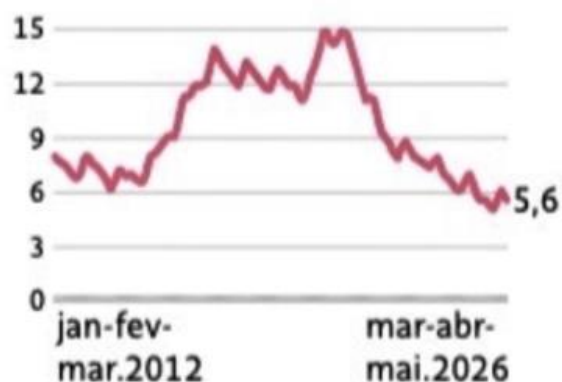
DESEMPREGO



Jornal FOLHA 27-jun

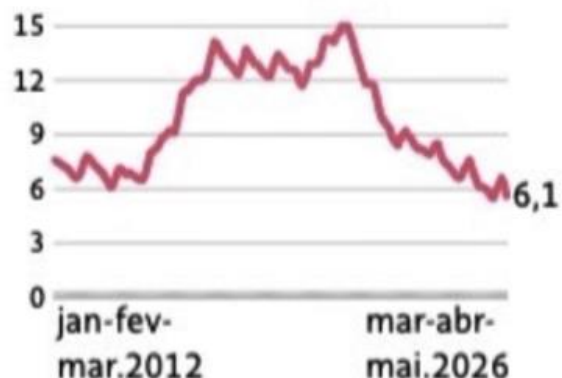
Taxa de desemprego

Em %



Número de desempregados

Em milhões



Desemprego fica em 5,6% no trimestre até maio, menor taxa para o período da série

IBGE aponta 'respostas positivas' do mercado de trabalho mesmo com juros elevados; renda estaciona após sequência de altas

Leonardo Viceli

RIO DE JANEIRO A taxa de desemprego ficou em 5,6% no trimestre até maio no Brasil. É o menor patamar para o intervalo na série histórica iniciada em 2012, apontou nesta sexta-feira (26) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O indicador mostrou relativa estabilidade ante a taxa de 5,8% dos três meses até fevereiro, que servem de base de comparação. Os dados integram a Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua).

O levantamento investiga o mercado de trabalho formal, com carteira assinada ou CNPJ, e o setor informal, sem esses registros.

A taxa de 5,6% veio em linha com a mediana das previsões do mercado financeiro, que também era de 5,6%, segundo a agência Bloomberg.

COMENTÁRIOS SOBRE A TAXA DE DESEMPREGO



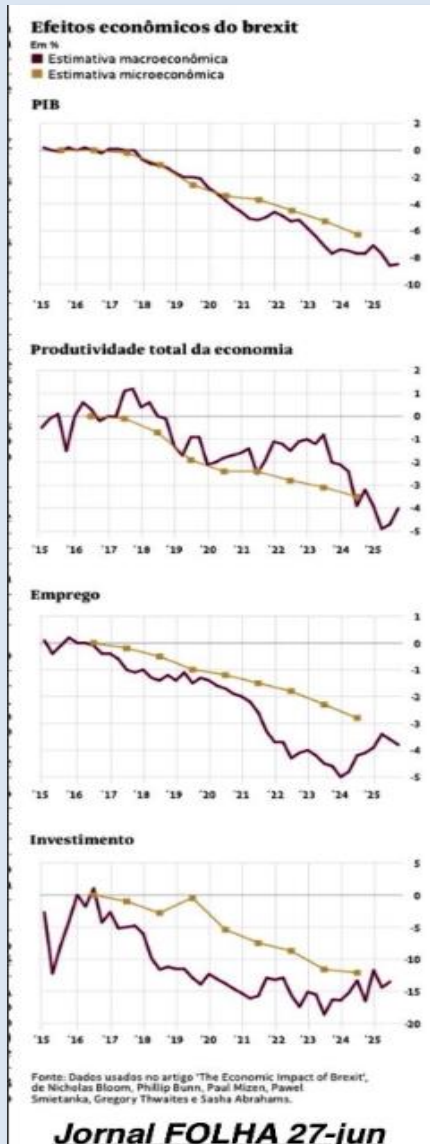
O dado de desemprego mostra um quadro positivo para a economia brasileira. A queda da taxa indica que mais pessoas estão ocupadas, gerando renda, consumo e maior circulação de recursos na economia.

Quando o emprego melhora, as famílias tendem a consumir mais, especialmente em alimentos, serviços, varejo, transporte, moradia e educação. Isso ajuda o PIB, fortalece a arrecadação de impostos e melhora a confiança de consumidores e empresários.

Por outro lado, um mercado de trabalho muito aquecido também exige atenção. Se os salários crescerem acima da produtividade, pode haver pressão sobre os custos das empresas e, conseqüentemente, sobre a inflação, especialmente no setor de serviços.

Assim, o desemprego menor é uma boa notícia, mas também reforça a cautela do Banco Central. Se a economia estiver aquecida e a inflação ainda resistente, a queda da Selic tende a ser mais lenta e gradual.

PIB DO REINO UNIDO



PIB do Reino Unido é 8% menor hoje do que seria sem brexit, diz estudo

Efeitos econômicos do divórcio com a União Europeia, que completa uma década, foram piores do que se estimava em 2016

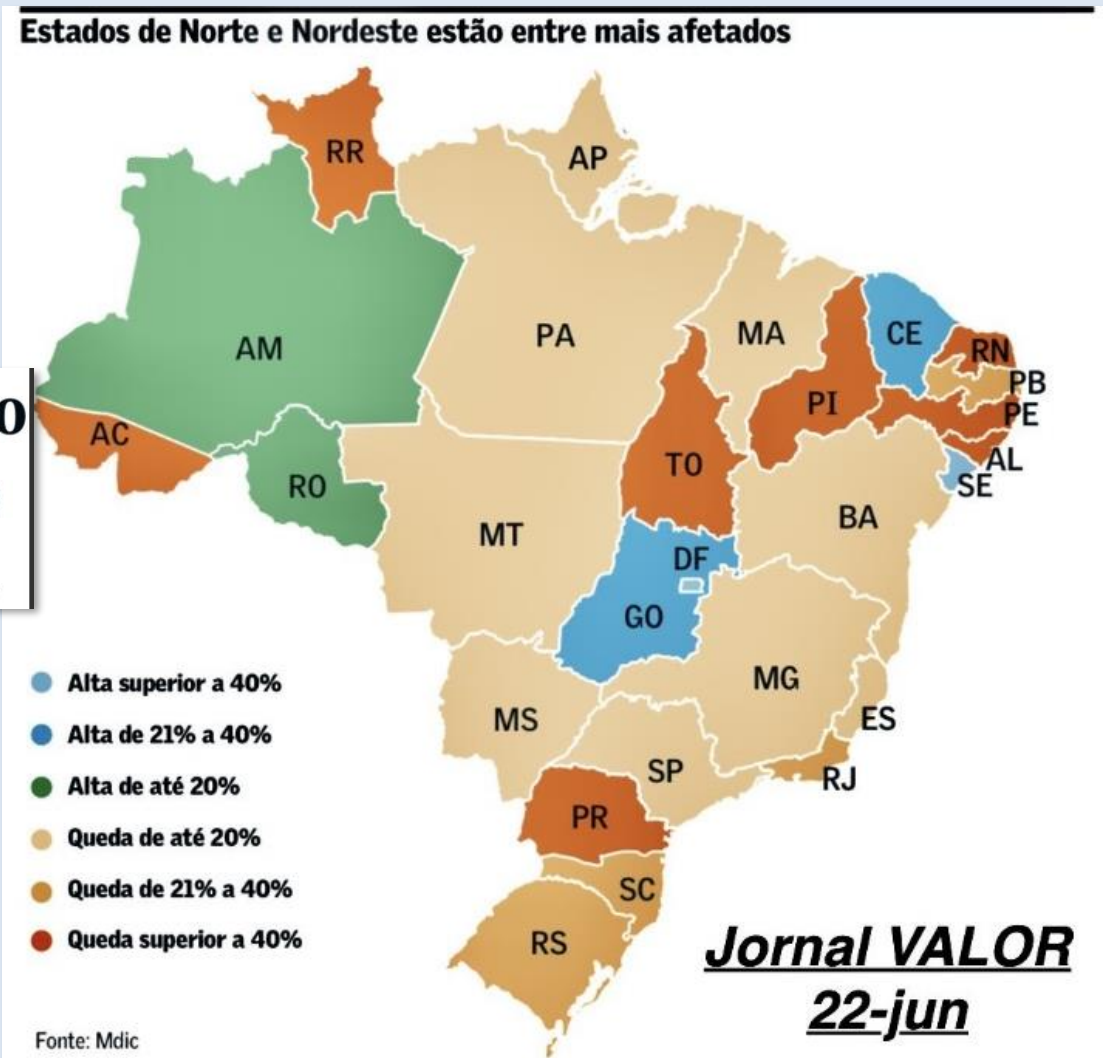
Rafael Cariello

SÃO PAULO O Produto Interno Bruto do Reino Unido, uma década depois do brexit, é entre 6% e 8% menor do que seria se o processo de separação da União Europeia não tivesse acontecido. Isso significa que a economia britânica produziu cerca de US\$ 300 bilhões a menos em 2025, em comparação com o PIB estimado caso o resultado do referendo de 2016 fosse outro.

A estimativa, feita por um grupo de economistas, entre eles Nicholas Bloom, professor da Universidade de Stanford, aparece em um dos mais amplos e minuciosos estudos já feitos sobre os efeitos econômicos do brexit, o artigo "The Economic Impact of Brexit" (o impacto econômico do brexit), cuja versão mais recente foi publicada neste mês.

Exportação brasileira aos EUA recua ao menor nível em 30 anos após tarifaço

Comércio exterior Cenário indica o que pode vir nos próximos meses caso as novas sobretaxas anunciadas pelo governo de Donald Trump entrem em vigor



Exportação brasileira aos EUA recua ao menor nível em 30 anos após tarifaço

Comércio exterior Cenário indica o que pode vir nos próximos meses caso as novas sobretaxas anunciadas pelo governo de Donald Trump entrem em vigor

Tarifas dos EUA podem redesenhar o comércio internacional

A notícia revela que as exportações brasileiras para os Estados Unidos atingiram o menor nível em quase três décadas, refletindo o aumento das barreiras comerciais e a política protecionista adotada pelo governo norte-americano.

Caso novas tarifas sejam efetivamente implementadas, alguns setores brasileiros poderão enfrentar maior dificuldade para competir no mercado americano, reduzindo exportações, investimentos e geração de empregos nas cadeias voltadas ao comércio exterior.

Por outro lado, esse cenário também representa uma oportunidade para o Brasil acelerar sua estratégia de diversificação de mercados, ampliando negócios com Ásia, Oriente Médio, Europa e demais países da América Latina, reduzindo a dependência de um único parceiro comercial.

Exportação brasileira aos EUA recua ao menor nível em 30 anos após tarifaço

Comércio exterior Cenário indica o que pode vir nos próximos meses caso as novas sobretaxas anunciadas pelo governo de Donald Trump entrem em vigor

Impactos para a economia brasileira

- possível redução das exportações para os EUA em alguns setores;
- menor entrada de dólares no país, pressionando o câmbio;
- possíveis impactos sobre a produção industrial e o nível de emprego em segmentos exportadores;
- estímulo à busca de novos mercados internacionais.

Relação com inflação e juros

Uma eventual desvalorização do real decorrente da redução das exportações pode encarecer produtos importados e gerar novas pressões inflacionárias. Nesse ambiente, o Banco Central tende a manter uma postura mais cautelosa na redução da taxa Selic.

Ao mesmo tempo, se as tarifas americanas desacelerarem a economia dos Estados Unidos, o Federal Reserve poderá encontrar espaço para reduzir seus juros mais à frente. Esse movimento poderá aliviar parte da pressão sobre os mercados emergentes, inclusive o Brasil.

NA COPA, TAMANHO NÃO É DOCUMENTO



A geopolítica
da bola



Os 10 países mais populosos

Em milhões de habitantes

Jornal VALOR 26-jun

	População (milhões)	
Índia	1.476	
China	1.412	
Estados Unidos	349	
Indonésia	287	
Paquistão	259	
Nigéria	242	
Brasil	213	
Bangladesh	177	
Rússia	144	
Etiópia	139	

Fonte: Worldometer

RESENHA ECONÔMICA

Realização:



Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB

Esta publicação possui finalidade exclusivamente educacional e informativa.

As notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados como referência para análise e debate econômicos, mantendo-se os respectivos direitos autorais de seus titulares.